



A PARTICIPAÇÃO DA IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DOS PRIMEIROS ESTÁDIOS DE FUTEBOL DE MONTES CLAROS-MG: A MODERNIZAÇÃO DA PRÁTICA DE JOGAR E TORCER

*LA PARTICIPACIÓN DE LA PRENSA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LOS
PRIMEROS ESTADIOS DE FÚTBOL EN MONTES CLAROS-MG: LA
MODERNIZACIÓN DE LA PRÁCTICA DEL JUEGO Y DE LA HINCHADA*

*THE PARTICIPATION OF THE PRESS IN THE CONSTRUCTION OF THE
FIRST SOCCER STADIUMS IN MONTES CLAROS-MG: THE
MODERNIZATION OF THE PRACTICE OF PLAYING AND CHEERING*

Rogério Othon Teixeira Alves ¹,

Georgino Jorge de Souza Neto²

Andréia Luciana Ribeiro de Freitas³

Ester Liberato Pereira ⁴

Resumo:

Neste estudo, buscamos a construção de uma história da origem dos dois primeiros estádios de futebol na cidade de Montes Claros, localizada no interior do estado de Minas Gerais. Evidenciamos o contexto social que permeou a construção destes espaços para o futebol. Inspiramos nossas análises a partir das provocações e estudos de Gilmar Mascarenhas (2005; 2006; 2007; 2012; 2013), principalmente, relativos ao local de prática do futebol, o campo, e os significados para a sociedade. Para compreendermos o contexto em que se deu a inserção do futebol na sociedade montes-clarense e a construção dos primeiros espaços destinados à sua prática, utilizamos, como *corpus* documental, edições do jornal *Gazeta do Norte*, do período entre as décadas de 1930-1950. A *Gazeta do Norte* influenciou na escrita de uma história da construção dos dois estádios, ofereceu subsídios para o incremento de um novo equipamento na paisagem urbana, um espaço

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. <https://orcid.org/0000-0002-4023-726x>, rogerio.alves@unimontes.br

² Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. <https://orcid.org/0000-0002-9375-0438>, georgino.neto@unimontes.br

³ Mestra em História pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Professora da Educação Básica. <https://orcid.org/0000-0002-4175-4437>, andreialucianar@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. <https://orcid.org/0000-0001-6193-9132>, ester.pereira@unimontes.br

de valores simbólicos significativos para a construção da identidade do povo que o utilizou, e que também propiciou tensões entre a cultura tradicional e os novos hábitos modernos. Precisamos salientar que, apesar do objetivo principal da construção dos dois estádios ter sido proporcionar edificações modernas que atendessem à prática e ao desenvolvimento do futebol, como o campo adequado, arquibancadas, muros, cercas, etc., os estádios interferiram e também ajudaram a forjar "o homem moderno" no sertão norte-mineiro e, mais especificamente, na cidade de Montes Claros, a partir da promoção de um novo hábito de consumo do futebol.

Palavras-chave: Imprensa; História do Esporte; Montes Claros.

Abstract:

In this study, we seek to construct a history of the origin of the first two soccer stadiums in the city of Montes Claros, located in the interior of the state of Minas Gerais. We highlight the social context that permeated the construction of these spaces for soccer. We inspired our analyses from the provocations and studies of Gilmar Mascarenhas (2005; 2006; 2007; 2012; 2013), mainly concerning the place of soccer practice, the field, and the meanings for society. In order to understand the context in which soccer was inserted in Montes-Claros' society and the construction of the first spaces for its practice, we used, as documentary corpus, editions of the *Gazeta do Norte* newspaper, from the period between 1930-1950. *Gazeta do Norte* influenced the writing of a history of the construction of the two stadiums, offered subsidies for the increment of a new equipment in the urban landscape, a space of significant symbolic values for the construction of the identity of the people who used it, and which also provided tensions between the traditional culture and the new modern habits. We must point out that, although the main purpose of the construction of the two stadiums was to provide modern buildings that would serve the practice and development of soccer, such as an adequate field, bleachers, walls, fences, etc., the stadiums interfered and also helped to forge "the modern man" in the northern Minas Gerais hinterland and, more specifically, in the city of Montes Claros, from the promotion of a new soccer consumption habit.

Keywords: Press; Sports History; Montes Claros.

Resumen:

En este estudio, pretendemos construir una historia del origen de los dos primeros estadios de fútbol de la ciudad de Montes Claros, situada en el interior del estado de Minas Gerais. Destacamos el contexto social que impregnó la construcción de estos espacios para el fútbol. Inspiramos nuestro análisis en las provocaciones y estudios de Gilmar Mascarenhas (2005; 2006; 2007; 2012; 2013), principalmente relacionados con el lugar de la práctica del fútbol, el campo y los significados para la sociedad. Para comprender el contexto en el que el fútbol se insertó en la sociedad de Montes Claros y la construcción de los primeros espacios para su práctica, utilizamos, como corpus documental, ediciones del periódico *Gazeta do Norte*, del período comprendido entre 1930-1950. La *Gazeta do Norte* influyó en la redacción de una historia de la construcción de los dos estadios, ofreció subvenciones para el incremento de un nuevo equipamiento en el paisaje urbano, un espacio de significativos valores simbólicos para la construcción de la identidad de las personas que lo utilizaron, y que también proporcionó tensiones entre la cultura tradicional y los nuevos hábitos modernos. Debemos resaltar que, aunque el principal objetivo de la construcción de los dos estadios fue proporcionar edificios modernos que sirvieran a la práctica y desarrollo del fútbol, como campo adecuado, gradas, muros, vallas, etc., los estadios interfirieron y también ayudaron a forjar "el hombre moderno" en el interior del norte de Minas Gerais y, más específicamente, en la ciudad de Montes Claros, a partir de la promoción de un nuevo hábito de consumo de fútbol.

Palabras clave: Prensa; Historia del deporte; Montes Claros.

Introdução

Os estádios de futebol, nas grandes cidades brasileiras, notadamente nos últimos cem anos, passaram a fazer parte da paisagem urbana. Nesse aspecto, Gilmar Mascarenhas, em sua trajetória acadêmica, discutiu, por diversas vezes, esse equipamento esportivo no seu tempo e espaço, local de normas e práticas sociais que “[...] se constituiu historicamente como campo de pertencimento, de identidades e de uso popular” (MASCARENHAS, 2013, p.146). Entendemos que a identidade de um determinado grupo, na sociedade moderna, é considerada mutável por transformações contínuas em relação ao sistema cultural que o rodeia, sendo definida, historicamente, e passível de experimentações (BAUMAN, 2001; HALL, 2006). No entanto, determinados contextos imprimem um fortalecimento e construção de um caráter de pertencimento às identidades locais, regionais e nacionais.

A instituição do esporte moderno, a partir dos reflexos da sociedade burguesa e da revolução industrial, torna-se um capital, um indicador de pertencimento a uma classe social com determinadas manifestações e culturas. Neste indicativo identitário, existe um objetivo individual ou coletivo, ao qual são atribuídos valores, e o qual resulta em uma construção emocional, cultural ou política (HOBSBAWM, 1982; 1984; BORDIEU, 1983). Ao partir destes pressupostos, é necessário entender o esporte como fenômeno cultural, social e político; ou seja, um campo fértil para a busca por respostas quanto às ações individuais e coletivas de determinada período. Isto, em especial, na luta pela construção e efetivação de espaços de práticas esportivas.

O historiador Nicolau Sevcenko (1992) coloca que, na década de 1920, “pululavam” clubes de futebol no Brasil. Os esportes, e principalmente o futebol, foram considerados elementos distintivos da modernidade (MASCARENHAS, 2007). Não foi por acaso que, no Brasil, “[...] o poder público começa, a partir da decretação do Estado Novo (1937), a construir grandes estádios de futebol, uma vez que este esporte é elevado à condição de símbolos da brasilidade e da integração nacional” (MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006, p.1).

Assim, ao corroborar com Sevcenko (1992), Gilmar Mascarenhas definiu que: “Ao longo da primeira metade do século 20, o futebol se disseminou completamente pelo Brasil, tornando-se ingrediente indelével da integração territorial e um dos mais poderosos elementos definidores da nacionalidade” (MASCARENHAS, 2007, p. 58). No contexto da paisagem urbana brasileira, invariavelmente, existirá um campinho de futebol, e este cenário histórico nem sempre compôs uma pacífica dinâmica social, pois a prática do moderno futebol originou-se da elite inglesa e passaria a representar a identidade do seu povo. Esta popularização, contudo, não aconteceria sem tensões.

Neste estudo, buscamos a construção de uma história da origem dos dois primeiros estádios de futebol na cidade de Montes Claros, localizada no interior do estado de Minas Gerais. Evidenciamos o contexto social que permeou a construção destes espaços para o futebol. Inspiramos nossas análises a partir das provocações e estudos de Gilmar Mascarenhas (2005; 2006; 2007; 2012; 2013), principalmente, relativos ao local de prática do futebol, o campo, e os significados para a sociedade.

Para compreendermos o contexto em que se deu a inserção do futebol na sociedade montes-clarense e a construção dos primeiros espaços destinados à sua prática, utilizamos, como *corpus* documental, edições do jornal *Gazeta do Norte*, do período entre as décadas de 1930-1950. Esse jornal foi criado, em 1918, e circulou até o início da década de 1960. A *Gazeta do Norte* era um jornal com características modernas, atrelado a um desejo de progresso científico e cultural. Veiculava uma representação para um modo de vida articulado com a ideia de inovação.

O papel da imprensa local é tornar públicas as decisões, as reivindicações, e os demais acontecimentos ocorridos na região, o que torna o jornal do interior a principal fonte de informação. Há uma relação de cumplicidade entre o leitor e o veículo de comunicação, em que estaria subentendida a busca pela informação local. Os jornais integram a vida cotidiana das pessoas, o que permite, ao(à) pesquisador(a), captar as práticas sociais, os costumes e o folclore da sociedade, além dos interesses de determinados grupos (CAPELATO, 1998). Cabe ao(à) historiador(a), que dispõe de ferramentas teórico-metodológicas, problematizar a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, bem como, os múltiplos significados provenientes de um mesmo acontecimento (LUCA, 2008).

O acesso aos jornais foi feito no acervo do Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros – CEPEDOR/UNIMONTES. Após uma primeira leitura, foram selecionadas notícias que respondessem aos anseios da pesquisa, dentre os quais, principalmente, elucidar uma história da construção do primeiro campo de futebol em Montes Claros, local exclusivo para este fim. Posteriormente, seguiu-se a análise do contexto social, político e cultural que atravessaram a construção e inserção dos primeiros espaços de prática do futebol de campo em Montes Claros: o Estádio Francisco José Guimarães, inaugurado em 1941, e o Estádio João Rebelo, inaugurado em 1954.

Montes Claros, como outras cidades no interior do Brasil, que, assim como a maioria das urbes brasileiras também recebeu o fidalgo futebol, no início do século XX, improvisou locais para a sua prática e, com o tempo, precisou construir estádios mais adequados à assistência e aos atletas. Estes tornaram-se lugares “[...] apropriados como espaços de expressão cultural, [...] que ainda expressam uma cultura regional, que interagem com o lugar onde estão inseridos” (MASCARENHAS, 2007, p.65).

As tensões necessárias para a construção do primeiro estádio: “O *foot-ball* em Montes Claros tem ‘caveira de burros’”.

Como evidenciado no título desta seção, retirada de reportagem veiculada na *Gazeta do Norte*, (02/05/1936, p.01), havia, durante a década de 1930, uma disputa estabelecida entre o futebol que se popularizava e o futebol que ainda se fazia fidalgo, aproximado às camadas elitizadas de Montes Claros. Ao explicar esse cenário, a *Gazeta do Norte* lançou, em meados de 1936, uma campanha, intitulada “*A decadência do nosso foot-ball*”, que se dizia em prol do esporte. Ao provocar o saudosismo de um futebol de anos anteriores,

apontava as causas da decadência à época. Os motivos do desânimo do jornal? A violência e a deseducação da torcida. Enfim, são, pelo menos, quatro crônicas de severo teor, denunciando a conjuntura do esporte que, supostamente, tantos apelos positivos continha:

O *Foot-ball* em Montes Claros tem «caveira de burro», alguém já disse. E é a maior das verdades, afirmamos. Montes Claros, cidade civilizada, populosa, não possui um bom «*team*» de *foot-ball*, sequer. [...] Nesta cidade os *clubs* de *foot-ball* nascem e morrem quase que diariamente. (GAZETA DO NORTE, 02/05/1936, p.01).

O *foot-ball* em Montes Claros atravessa, presentemente, um período de grande desanimo, mostrando assim estar em franca decadência o *sport* em nossa terra. [...] É um flagrante contraste com a animação que se via nas tardes desportivas de alguns anos atrás. O campo de *foot-ball* ficava repleto do que Montes Claros possui de mais representativo na sua sociedade, quando representantes de todas as camadas sociais assistiam entusiasmados os lances emocionantes dos jogos (GAZETA DO NORTE, 09/05/1936, p.04).

No Brasil se pratica o melhor *foot-ball* do mundo; em Montes Claros o pior do Brasil. [...] Outra cousa que muito contribui para que impere o maior desanimo nossos campos são os torcedores exaltados e sem educação. [...] Necessário se torna que aqueles que de facto se interessam pelo *sport* em nossa terra, não deixem acabar o restinho que ainda possuímos de sportistas que fomos, nos tempos do velho Montes Claros Sport Club (GAZETA DO NORTE, 16/05/1936, p.06).

Hoje, infelizmente, quando devíamos estar colocados, no terreno dos *sports*, em igualdade de condições às demais cidades do Estado, vemos acabar pouco a pouco, o restinho de um povo sportista que fomos. [...] Oxalá não seja fogo de palha a animação que vemos nestes últimos dias o entusiasmo de vencer dos que se acham possuídos de nosso sportistas [...] (GAZETA DO NORTE, 23/05/1936, p.04).

O cenário da prática do futebol, na década de 1930, em Montes Claros, de acordo com a *Gazeta do Norte*, foi marcada por improvisações do campo de jogo e oscilações na periodicidade. Porém, começava a se consolidar como um evento que movimentava significativamente o final de semana da cidade, ao estabelecer um novo hábito da população. Na referida década “[...] o futebol se potencializa nas terras sertanejas. Maior organicidade, mais clubes, mais torcedores, enfim, um universo próprio construído a partir do ousado desejo que jovens da elite tiveram anos antes” (ALVES; SOUZA NETO; SILVA, 2013, p.06-07).

Desta forma, a década de 1930 marca um período singular da história do futebol em Montes Claros, tal o incremento observado nesse esporte na cidade. Com tantos clubes fundados, urgia construir-se um estádio de futebol adequado, pois, até o momento, os campos eram um inconveniente à prática que tanto se desenvolvia. Assim, caberia ao União Esporte Club a construção do Estádio Francisco José Guimarães (o nome seria

adotado nos anos posteriores), na rua Dr. Veloso, no segundo semestre de 1940 (GAZETA DO NORTE, 03/08/1940, p.03).

Esse movimento para a construção de um estádio, em Montes Claros, ocorre de forma semelhante ao da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Ao passo que, em Belo Horizonte, o futebol se instituía, notou-se “[a] premente necessidade de adequar a sua estrutura esportiva (no caso, futebolística) ao nível de “adiantamento” vislumbrado especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo [...]” (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO; SILVA, 2018, p.146-147). Sem embargos, o futebol de Montes Claros crescia aos moldes exigentes da modernidade, sendo seu exemplo mais próximo a cidade de Belo Horizonte, que, cronologicamente havia passado pelo mesmo estágio de desenvolvimento em décadas anteriores, quando também solicitava a construção de um estádio condizente e adequado às necessidades dos seus principais clubes. “O futebol, porém, se enraíza a partir dos anos 1910, e reivindica um espaço mais adequado para o desenvolvimento de sua prática na cidade. O ocioso Prado se torna então o palco do futebol em Belo Horizonte, até o início dos anos 1920” (SOUZA NETO, 2017, p.226).

A necessidade de um estádio para Montes Claros movimentava a *Gazeta do Norte*, que não media esforços em promovê-lo, desde listas de donativos anunciando o valor doado por cada um dos benfeitores pela sua construção, até notícias do andamento das obras “[...] cerca de 60 trabalhadores empunhando pás, enxadas, picaretas e carroças funcionam diariamente no serviço de terraplenagem” (GAZETA DO NORTE, 17/09/1940, p.03). Tudo era motivo para chamar a atenção para a inauguração do Estádio do União.

A construção de estádios de futebol, no Brasil, obedeceu a peculiaridades inerentes do período temporal no qual seus projetos foram executados. De acordo com Valério e Almeida (2016), pode-se dividir a história do futebol brasileiro em seis momentos, ao caracterizar a concepção dos estádios de futebol. Dentre as seis fases propostas pelos autores, observa-se que o primeiro estádio de Montes Claros se adequa, proporcionalmente, à terceira fase, na qual “[...] com a popularização e democratização do futebol no Brasil, a partir dos anos 20 e 30 do último século são construídas praças futebolísticas com capacidade muito superior das dos estádios que existiam até aquele momento”. (VALÉRIO; ALMEIDA, 2016, p.112).

Em função da inauguração do estádio no início de 1941, observa-se que os amistosos disputados pelo União Sport Club seriam a notícia mais comum nas páginas esportivas da *Gazeta do Norte* naquele ano. Foram identificadas as visitas futebolísticas das cidades de: Buenópolis, Corinto, Curvelo, e Belo Horizonte (GAZETA DO NORTE, 02/04/1941, p.04; 12/07/1941, p.03; 02/08/1941, p.0; 09/08/1941, p.02). Inferimos que dois fatores foram decisivos para incremento de jogos na cidade de Montes Claros: ter um campo adequado para a prática do jogo; e a possibilidade de as viagens das embaixadas esportivas serem realizadas via estrada de ferro.

No campo do União, a cidade promoveria o primeiro campeonato de futebol amador, no ano de 1942, quando se sagrou campeão o Construção Atlético Clube, e vice-campeão, o Esporte Clube Padre Osmar (equipe precursora da Associação Desportiva Ateneu) (GAZETA DO NORTE, 13/03/1943, p.3). Com poucas equipes e um só campo de jogo, o campeonato montes-clarense refletia o desenvolvimento do futebol, evento similar ao de Belo Horizonte, quando, em 1915, a Liga Mineira de Esportes Atlético organizou o

primeiro campeonato da cidade. Nesta ocasião, contou com a participação de apenas cinco equipes: Atlético, América, Yale, Higienicos e Cristóvão Colombo, em um inequívoco distanciamento temporal, causado pela emersão natural dos ingredientes para a consolidação do esporte moderno (COUTO, 2003).

Contudo, claramente notado, é o campeonato realizado no ano de 1943, que começou a apresentar aspectos singulares à prática de um futebol mais organizado, associado ao entusiasmo e interesse da imprensa: “Está de parabéns a Liga montes-clarense de *Football*, pelo brilhantismo de que se revestiu a inauguração da temporada de 1943” (GAZETA DO NORTE, 16/06/1943, p.03). Neste evento, houve a participação de seis equipes: 1- Construção A. C. (equipe composta pelos ferroviários construtores da estrada de ferro), 2- A. A. Vera Cruz, 3- União E. C. (equipe da União Operária e Patriótica de Montes Claros), 4- Comercial F. C. (time baseado na classe dos comerciários), 5- S. C. Montes Claros, e 6- Vila Nova A. C.

O campeonato de futebol, do ano de 1943, representou uma nova conjuntura organizacional. O campo do União seria testemunha do nascimento do primeiro clássico batizado pela *Gazeta do Norte* e, a partir do jornal, seriam percebidas feições condizentes com os campeonatos de futebol de localidades mais adiantadas, como Belo Horizonte. Naquela cidade, tais aspectos profissionais já existiam. Não obstante, para os dois maiores clubes de Minas Gerais, o seu encontro de número 29, acontecido a três de abril de 1934, seria nomeado como um “clássico” do futebol “[...] notamos a primeira utilização da expressão CLÁSSICO para a contenda. À época, tal designação era utilizada com a devida moderação, só empregada para jogos de reputação significativa” (ALVES, 2013, p.62).

Ao se comparar à atuação da imprensa da capital, no que dizia respeito aos prêmios dos times locais, com o futebol montes-clarense, observam-se as mesmas características e expectativas pelos jogos nas colunas esportivas da *Gazeta do Norte*.

O Construção A. C. reconhecendo o valor e a fibra do seu próximo adversário, o União E. C., **traçou um programa especial de treinamento para os seus atletas**, ao qual denominou «Quinzena Unionista». Todos lá trabalham com os olhos fitos no pomposo título de «Campeões Invictos»... O valoroso União A. C., depositário das esperanças dos torcedores de todos os demais clubes que desejam a queda do atual líder invicto, está tomando sérias providências para o jogo do dia 22. Miguel Madi e Alfredo Dias, conseguiram o **reforço de dois ótimos elementos** dos quais dizem maravilhas (GAZETA DO NORTE, 15/08/1943, p.03, grifos nosso).

Ao contextualizar-se: apesar de o jornal promover o que seria o clássico local, em 1943, historicamente, União versus Construção não se constituiria no principal embate futebolístico da cidade. “O mundo esportivo local afluirá em massa ao campo do União, na tarde de hoje, para assistir ao grande clássico da cidade. União e Construção contam com grandes torcidas, medirão forças numa peleja que poderá decidir o campeonato” (GAZETA DO NORTE, 22/08/1943, p.03). Porém, é possível afirmar que o incremento de um estádio e toda a organização que o contorna, possibilitava a formação de torcidas e de um ambiente diferente dos jogos em campos abertos: “[...] o campo do União E. C. apanhou

domingo transato uma numerosa assistência, que torceu com desusado entusiasmo e acentuado nervosismo. [...] Havia até quem apostasse em como a partida não terminaria sem o chamado 'sururu'" (GAZETA DO NORTE, 29/08/1943, p.03).

Na capital do estado, no ano de 1927, ou seja, bem antes da euforia da *Gazeta do Norte* para o citado "clássico" montes-clarense de 1943, o jornal belorizontino promovia jogos importantes com entusiasmo, como o encontro do Atlético Mineiro com o Palestra Itália (atual Cruzeiro Esporte Clube): "No Minas Gerais, observamos a expectativa para o encontro: "[...] o glorioso alvinegro terá, domingo, um dos seus mais importantes encontros"; vencer o Palestra valeria a conquista do primeiro bicampeonato atleticano" (ALVES, 2013, p.97). Nessa perspectiva, afirma-se que o campeonato montes-clarense, de 1943, continha a sua própria ansiedade, rivalidade e torcidas, aspectos similares ao campeonato de Belo Horizonte, em uma evidente semelhança/influência da imprensa esportiva da cidade grande para com a do interior.

Na história do futebol brasileiro, do início do século XX, segundo Gilmar Mascarenhas (2012), encontram-se características advindas do período da monarquia, quando diversas regiões do país se mantinham isoladas entre si. Em função desta característica, o futebol adquiriu atributos próprios de cada localidade e proporcionou o aparecimento dos clássicos regionais e pertencimentos clubísticos diversos. Sobre os primórdios do futebol no Brasil, percebe-se que

[...] tal situação propiciou o surgimento de rivalidades locais (os chamados "clássicos"). Ao mesmo tempo, as principais cidades seguiam mantendo relativo isolamento entre si, de forma que os principais confrontos futebolísticos se davam no nível Intra-Urbano, e não interurbano, como se pode notar comumente no caso europeu. Desta forma, as identidades clubísticas se construíram no contexto das rivalidades intralocais, e não entre cidades ou regiões. No Brasil, em suma, o território ainda não integrado determinou um processo de adoção do futebol multipolarizado e de forte base local, de forma que transcorreram muitas décadas até que fosse possível a realização de um campeonato de alcance nacional (MASCARENHAS, 2012, p.73).

Importa ressaltar que, sobre uma história do futebol montes-clarense, o União E. C., equipe proprietária do estádio, sagrar-se-ia campeã dos campeonatos de 1943 e 1944, e o seu presidente (também presidente da Liga Montes-clarense de Futebol) anunciaria a filiação da liga local à Federação Mineira de Futebol em 1944. O entusiasmo que reinava no futebol montes-clarense era justificado, segundo o próprio presidente Miguel Mardi, "[p]elas circunstâncias materiais que facilitam as atividades dos clubes. Assim, conta a cidade com a sua magnífica praça de esportes, que possui um magnífico campo de futebol, agora inteiramente gramado" (GAZETA DO NORTE, 02/03/1944, p.03).

Finalmente, o futebol de Montes Claros preenchia critérios importantes para a constituição do fenômeno esportivo no interior da sociedade moderna. Observava-se, na conjuntura local, como indicado por Melo (2007), uma organização clubística, gerenciada por federações, confederações e outras entidades representativas e a estruturação de um calendário próprio, com relativa autonomia em relação a outros tempos sociais.

A Gazeta do Norte pressiona por um estádio melhor: “Será uma obra suntuosa, condizente com o progresso de Montes Claros”

Os anos finais da década de 1940 seguiriam o *script* do início: a *Gazeta do Norte* manteria a atenção aos períodos do ano de arrefecimento do movimento futebolístico, e o União E. C. continuaria a ser o time mais organizado e vitorioso, claramente influenciado pelo fato de ser o dono do único campo de futebol da cidade, minimamente estruturado. “Montes Claros possui um ótimo campo, com perspectiva de grandes melhoras; sua mocidade contribui bastante no salutar esporte; o ingresso cobrado é irrisório e acessível a todas as bolsas (gratuito ao elemento feminino); apenas falta público...” (GAZETA DO NORTE, 05/08/1945, p.03).

O União é o clube mais festejado, “[...] líder da cidade e detentor do título máximo” (GAZETA DO NORTE, 22/06/1947, p.03), pois possuía estádio, torcida e jogava contra equipes de fora da cidade de Montes Claros. Tais aspectos são observados nas notícias veiculadas nas edições dos anos de 1946 e 1947 da *Gazeta do Norte*.

E, como vinha dizendo, assistimos no presente ano, um verdadeiro desfile de grandes clubes, da capital e das cidades vizinhas, que vieram deixar em Montes Claros, a sua invencibilidade, e o seu cartaz. Portanto atendendo a inúmeros pedidos de Esportistas desta cidade, tenho o prazer de dar ao Presidente do União, sr. Hermes Pimenta, o título de “Marechal das vitórias Esportivas” (GAZETA DO NORTE, 17/10/1946, p.02).

Constituiu magnifico espetáculo a abertura da temporada oficial de 1947, promovida pela Liga Montes-clarense de Futebol. [...] a assistência, incalculável multidão que encheu literalmente o Estádio, prorrompeu em aclamações (GAZETA DO NORTE, 15/06/1947, p.02).

Tais informações corroboram com a ideia de que o futebol, em Montes Claros, ao longo da primeira metade do século XX, tem história semelhante à de cidades maiores, principalmente Belo Horizonte. Porém, desenvolvem-se em temporalidades diferentes. Se, em Montes Claros, cidade norte-mineira, a organização dos primeiros campeonatos de futebol deu-se no início da década de 1940, na capital do estado, há muitos anos, já havia campeonato profissional. Não obstante, na capital, a transição de amador para profissional teve seu ápice na década de 1920, e os jogos dos principais times da época: Clube Atlético Mineiro, América Futebol Clube e Cruzeiro Esporte Clube, “inundavam” as notícias das páginas esportivas dos periódicos (COUTO, 2003; SOUZA NETO, 2010; ALVES, 2013).

Na capital mineira, Belo Horizonte, o advento do profissionalismo, em 1933, promoveu o incremento do número de torcedores e, além disso, possibilitou a introdução de jogadores oriundos de classes sociais mais populares (RIBEIRO, 2007). Nesse processo, equipes da capital se destacaram, passando a ser referência para as cidades do interior de Minas

Gerais. Em Montes Claros, não seria diferente: o futebol de Belo Horizonte exercia influência e estabelecia relações com a cidade norte-mineira. Porém, na *Gazeta do Norte*, o futebol tinha peculiaridades inerentes ao aspecto interno, ou seja, o principal periódico local enfocava o futebol municipal, ao destacar os eventos da cidade em detrimento do futebol externo (ALVES; SILVA, 2018).

Em Montes Claros, na década de 1940, o Estádio Francisco José Guimarães, também conhecido como campo do União E. C., situado à rua Dr. Veloso, era o destino único dos eventos futebolísticos. Por ser murado e ter algumas arquibancadas, tornou-se o “estádio da cidade”, pois propiciou os primeiros campeonatos amadores e testemunhou o protagonismo do União nesse princípio. Contudo, é possível inferir que este mesmo fato, de ser o único e ser controlado por uma das equipes, desembocaria nas primeiras campanhas pela construção de um estádio público e comum a toda a população.

O início dos imbróglis referentes às ações da *Gazeta do Norte* para a construção de um estádio público deu-se durante a temporada de 1948, que, como de costume, principiou-se com um apelo do supracitado jornal (10/06/1948, p.03): “Depois de um ano de inatividade, voltaram a se movimentar os meios esportivos de Montes Claros”, iniciando-se o campeonato da cidade ainda no mês de julho. Como sabido, a Liga Montes-clarense de Futebol era filiada à Federação Mineira de Futebol, e esta associação, ao mesmo tempo que impunha legitimidade e autoridade ao campeonato da cidade, também onerava financeiramente as equipes e, em função disso, a Liga era acusada de “[...] entraves decorrentes da má política esportiva” (GAZETA DO NORTE, 22/06/1948, p.03). O campeonato seria abalado pela revolta das equipes que utilizavam o estádio do União, ao recusarem utilizá-lo, em função das taxas consideradas abusivas. (GAZETA DO NORTE, 01/08/1948, p.03).

Importa frisar que, o futebol montes-clarense estabelecia sua dinâmica. Ainda que fosse amador, continha aspectos profissionais ao cobrar ingressos, impor vínculo dos atletas com as equipes, filiação dos clubes à Liga, obediência aos estatutos da Federação Mineira de Futebol e regularidade de disputa do seu campeonato. Nesse panorama de consolidação, a *Gazeta do Norte* observava a necessidade de um estádio de maiores dimensões do que o Francisco José Guimarães. E, possivelmente, instigado pelas confusões extracampo, que envolviam o União E. C., em 1948, o jornal cobraria pela municipalização do estádio, ao retirar-se o controle do clube sobre o equipamento, em uma flagrante afronta à administração particular do estádio:

Apelo aos nossos vereadores – Um campo para todos os Clubes! A causa principal da nossa desorganização desportiva está na falta de campos de futebol. Preenchendo, em parte, os requisitos impostos pelos regulamentos do futebol, temos o “Estádio Francisco José Guimarães”, que poderia servir de incentivo dos Clubes que não têm campo. Para isso bastava um acordo dos clubes, inclusive o União Esporte clube, detentor de fato do referido campo, e do Asilo São Vicente de Paulo, proprietário, com os poderes de transformar aquela praça num Estádio Municipal, já que não há um terreno adequado, mais no centro da cidade, que se preste para o

fim desejado. A solução, nesse caso, caberia à Prefeitura que teria de desapropriar o terreno, uma vez que aquela área não pode ser vendida a terceiros, segundo consta na escritura de doação, em poder do Asilo. E a desapropriação, para beneficiar melhor ao Asilo, poderia dar direito a que este tivesse uma subvenção tirada das rendas do próprio Estádio para o qual teriam que contribuir, todos os Clubes da Cidade (GAZETA DO NORTE, 28/08/1948, p.03, grifo nosso).

Outra possibilidade, levantada pela *Gazeta do Norte*, considerava um estádio construído por um clube esportivo. Neste particular, caberia ao E. C. João Rebelo empreender o seu próprio projeto de estádio, de fato inaugurado em 1954, mas idealizado desde os anos 1940:

Há anos que os montes-clarenses almejam um Estádio onde as disputas futebolísticas possam ser assistidas por uma considerável assistência. Este sonho, no entanto, devido ao preço exorbitante de terrenos em local dentro da urbanidade, nunca pode ser concretizado. Por mais esforços que os aficionados desprendessem sempre as iniciativas mais louváveis neste sentido, redundavam em absoluto fracasso. [...] E o futebol, o esporte prejudicado no interior – principalmente no norte do Estado – ia trilhando por caminhos imprevisíveis, cada vez enfraquecendo mais. **Mas para cada doença há um remédio e esse mal tão grande para os esportistas há também de ser solucionado. Estamos à espera, ansiosos, dos acontecimentos e seguindo de perto os movimentos de mais um grupo de esportista que se empenha de alma e corpo a luta pela construção de um grande e confortável Estádio. Trata-se do E. C. João Rebelo** e proporcionar, conseqüentemente, a Montes Claros o ensejo de assistir disputas de real valor, entre os clubes locais e de fora. [...]. Restamos, portanto, não decepcionar o grupo entusiasmado e ajuda-lo a erguer o Estádio que será mais um marco de progresso e de anseio do povo em levantar mais alto o padrão eugênico e o nome desta grande Princesa do Sertão (GAZETA DO NORTE, 07/11/1948, p.03, grifo nosso).

Para a *Gazeta do Norte*, o novo estádio deveria ser diferente do modesto estádio Francisco José Guimarães, único da cidade naquele período. Por isso, um grupo de pessoas da sociedade local resolveu chamar a si a tarefa de dotar a cidade de um estádio mais arrojado e moderno:

Um estádio para Montes Claros – [...]. Falta-nos, entretanto, um campo de futebol. Mas um campo de futebol que preencha as nossas necessidades reais. Não chegaremos ao ponto de dizer que não temos nenhum. Temos, sim. Mas não resolve a situação angustiosa dos nossos amadores. Reconhecemos os esforços dos dirigentes do União, que dotaram a cidade do Estádio Francisco José Guimarães, modesto é verdade, mas que vem servindo. Mas um campo fechado apenas é muito pouco para os seis clubes locais. **E a existência de um campo fechado apenas tem trazido a prejudicial política clubista que vem embaraçando o nosso futebol, impedindo-o de subir mais ainda. Foi considerando tudo isso que um**

grupo de pessoas da sociedade local resolveu chamar a si a tarefa patriótica de dotar a cidade de um moderno estádio. Será uma obra suntuosa, condizente com o progresso de Montes Claros. [...] E é por isto que iniciando a nossa campanha para obtenção de fundos para a construção de tão arrojado empreendimento, estamos certos da vitória da nossa iniciativa por que, sendo uma obra grandiosa e da qual Montes Claros levará a maior vantagem, há de encontrar o apoio indispensável na bondade dos montes-clarenses (GAZETA DO NORTE, 28/11/1948, p.03, grifos nosso).

Os apelos não surtiriam efeito imediato; o Estádio Francisco José Guimarães continuaria, nos anos seguintes, sendo o palco principal do futebol de Montes Claros. Os jogos dos campeonatos de 1949, 1950, 1951, 1952 e 1953, seriam disputados, unicamente, no campo do União E. C. Cabe destacar, nesse período, o estabelecimento do Esporte Clube João Rebelo (antigo Esporte Clube Padre e futura Associação Desportiva Ateneu) e da Associação Atlética Cassimiro de Abreu, como os maiores rivais da década de 1950 (ALVES; SILVA, 2018).

Em 1954, a *Gazeta do Norte*, em edição especial do dia 1º de janeiro, ao narrar uma retrospectiva da cidade referente ao ano de 1953, apresenta o tricampeão local de futebol, E. C. João Rebelo; em seguida, anuncia a inauguração do seu estádio em breve: “O valoroso clube citadino, gloria do esporte local, vai, no ano que se inicia, inaugurar uma confortável Praça de Esportes, que por certo marcará o advento de uma faze de indiscutível progresso para o esporte bretão em nossa cidade” (GAZETA DO NORTE, 01/01/1954, p.03). Neste mesmo ano, entraria em atividade o segundo estádio da cidade, construído com o objetivo de dotar a cidade de um equipamento à sua altura e progresso: “[...] o Estádio João Rebelo é uma obra que vem contribuir para o progresso e embelezamento de nossa cidade” (GAZETA DO NORTE, 25/04/1954, p.04).

Com a inauguração do Estádio João Rebelo, de propriedade da Associação Desportiva Ateneu (Ateneu), ativaram-se os brios do seu maior rival, a Associação Atlética Cassimiro de Abreu (Cassimiro), pela construção do seu próprio estádio. Logo após as festividades do novo estádio do Ateneu, seria constituída uma nova direção no Cassimiro e, entre seus objetivos, constava a “[...] organização para a venda de quotas da associação. Estas quotas que são de Cr\$4.000,00, tem tido grande aceitação e dentro em breve estará levantado o capital para a construção do Estádio” (GAZETA DO NORTE, 10/06/1954, p.04). Ao final do ano, o presidente do Cassimiro anunciaria os encaminhamentos pela construção do estádio no bairro Santo Expedito:

[...] tenho a grata satisfação de comunicar aos senhores sócios que acabamos de receber a escritura do nosso futuro Estádio no Bairro S. Expedito. A compra foi efetuada em mão do dr. Abelardo Câmara e o pagamento já está feito. A importância que de agora em diante formos recebendo, dos senhores sócios quotistas, será depositada em Banco, para, ao atingir uma quantia maior, darmos início a construção dos muros e demais dependências do Estádio. Devemos salientar que o referido terreno já está com o serviço de terraplanagem completo e o campo já está sendo utilizado para treinos. A Diretoria deseja continuar contando

com o valioso apoio de todos os sócios e do povo de Montes Claros, para que possa levar avante mais esta realização em prol do esporte em nossa terra (GAZETA DO NORTE, 19/12/1954, p.01).

O alegado estádio do Cassimiro, no bairro Santo Expedito, não seria concluído. Segundo trabalho de Mendes (2010), que tematiza a história deste clube, em função de doações mais vantajosas, o projeto seria adiado e o almejado estádio ficaria pronto na década seguinte. Para o Cassimiro, “[a] passagem para a década de 1960, marcada pelo processo de construção de um estádio próprio, se configura também como um período caracterizado pela consolidação do clube como uma importante referência social da cidade” (MENDES, 2010, p.22).

O Estádio Pavimenta- O surgimento do primeiro clássico da cidade: Ateneu X Cassimiro

O ano de 1954, em Montes Claros, foi marcado, principalmente, no que tange ao campo de jogo, pela instituição do “clássico”: Ateneu X Cassimiro (ALVES; SILVA, 2018). Segundo a *Gazeta do Norte*, nessa temporada, as equipes se enfrentaram três vezes no novíssimo estádio João Rebelo, com o Cassimiro terminando sempre vencedor. Em um dos jogos, notou-se uma “[...] partida digna de ser vista por qualquer público, brindando os frequentadores de nossos campos com um espetáculo inédito, [...] que de uma maneira maiúscula confirmam suas credenciais de grandes adversários de campo” (GAZETA DO NORTE, 05/09/1954, p.02). Por fim, a *Gazeta do Norte* narra a segunda vitória do Cassimiro sobre o Ateneu no mesmo campeonato, terceiro “clássico” do ano de 1954 (GAZETA DO NORTE, 05/12/1954, p.01).

É relevante salientar a crescente rivalidade que se estabeleceu na cidade de Montes Claros entre os times do Ateneu e do Cassimiro, a qual instituiu “ares” de futebol de cidade grande. Em 1955, ambos os times são considerados como os “grandes” clubes da cidade, prestígio verificado na *Gazeta do Norte*:

O público esportivo estaria mais contente se o campeonato da cidade se iniciasse, isso ninguém pode negar. **Com o campeonato, entretanto, parecem não concordar os “grandes clubes”.** O Ateneu talvez não queira perder o concurso de jogadores, filiados a outras agremiações, porém, servindo as suas cores. O Cassimiro, por outro lado, talvez não queira entrar no certame, julgando-se tecnicamente fraco para disputa-lo. E enquanto o interesse de um e a vaidade de outro impõem ao esporte uma situação irregular, o público, insatisfeito, vai aos campos para ver os “Fila Boias”, pois não há mais nada (GAZETA DO NORTE, 10/07/1955, p.04, grifo nosso).

Destacamos, também, que, no ano de 1955, o grande número de jogos amistosos do Ateneu e do Cassimiro, contra equipes de outras cidades, chama a atenção. Foram identificadas, nas reportagens publicadas na *Gazeta do Norte*, entre o meses de janeiro e outubro de 1955, partidas realizadas em Montes Claros contra as seguintes cidades e suas equipes: Brasília de Minas (Brasília F. C.); Vespasiano; Buenópolis; Barão de Cocais (Metalusina); Bocaiuva (Vera Cruz); Corinto; Curvelo (pelo menos duas vezes); Várzea da Palma; Belo Horizonte (Corpo de Bombeiros e Independentes); Sete Lagoas (Cotuba); Pará de Minas (Paraense) e os profissionais do Cruzeiro E. C.. Via de regra, confirmando a polarização dos “grandes”, em sua maioria, os amistosos eram disputados com a realização de dois jogos: um contra o Ateneu e outro contra o Cassimiro; porém, todos os jogos passaram a ser disputados no estádio João Rebelo na cidade de Montes Claros.

Salienta-se que Ateneu e Cassimiro eram representações da elite social montes-clarense, uma vez que, em seu quadro organizacional e diretoria, havia personalidades das diversas áreas da sociedade montes-clarense, de nível social privilegiado, como os médicos e políticos. Dr. João Valle Maurício e Dr. Geraldo Correa Machado, eram, respectivamente, presidentes do Cassimiro e Ateneu (GAZETA DO NORTE, 31/01/1954, p.01; 09/01/1955, p.04). Certo é que, em meados dos anos 1950, Ateneu e Cassimiro se “desgarravam” dos demais times da cidade e, em função da notoriedade que adquiriram, disputar o campeonato municipal começava a não fazer sentido, “[...] já que as partidas amistosas são mais rendosas” (GAZETA DO NORTE, 16/10/1955, p.04).

Foi possível inferir, a partir das reportagens veiculadas na *Gazeta do Norte*, que houve uma mobilização, por parte do jornal, para a concepção de um estádio que atendesse à perspectiva de modernidade e que permitisse o desenvolvimento do futebol de campo em Montes Claros. Esse, o Estádio João Rebelo, foi o local no qual a cidade pôde assistir aos embates do Ateneu e do Cassimiro em amistosos movimentados contra várias equipes, como: Democrata (Sete Lagoas); Sete de Setembro (Belo Horizonte); Maria Amália (Curvelo); Asas (Belo Horizonte); e Vitória (Ilhéus-BA) (GAZETA DO NORTE, 08/03/1956, p.01; 06/05/1956, p.01; 13/12/1956, p.02; 27/01/1957, p.02; 07/03/1957, p.02; 19/05/1957, p.01).

Identificamos, como uma estratégia para movimentação do estádio, a comercialização de pacote de excursão para torcedores visitantes, o qual sempre era composto por: um jogo contra o Ateneu e outro contra o Cassimiro, em uma flagrante finalidade de obtenção de lucros com a venda de ingressos. Tais ações indicavam uma postura gananciosa da direção do Estádio João Rebelo, que resultaria em uma greve de torcida. A cidade de Montes Claros veria, pela primeira vez, uma greve de torcida, que acontecera em protesto contra os preços cobrados pelos ingressos (GAZETA DO NORTE, 31/01/1957, p.03). A atitude extrema do público pode ser explicada em função de uma resolução, no regimento dos associados ao clube do Ateneu, que assegurava, desde o ano 1954: [...] “ao sócio proprietário o direito de ingresso gratuito, juntamente a um membro de sua família, a todos os jogos realizados no Estádio do Clube, facultando aos seus demais dependentes, o pagamento de apenas metade do ingresso em vigor” (GAZETA DO NORTE, 15/08/1954, p.03).

Em reação aos grevistas, “[...] a diretoria do Ateneu mandou colocar uma extensa faixa visando obstar a visão do “morro da pitomba” (GAZETA DO NORTE, 15/08/1954, p.03). Isso para prejudicar a visão da partida de fora do âmbito do estádio. Enfim, assistir a uma partida de futebol em quase nada lembrava os tempos do Prado nos anos 1920; o que vigorava nos anos 1950 caracterizava-se como um comércio de fato, quando os clubes

ofereciam um produto – futebol – a ser consumido em um espaço adequado – estádio – por pessoas que pudessem pagar por ele.

Esse movimento do futebol local, ao longo do tempo, e nos espaços permitidos, é análogo às transformações ocorridas em Belo Horizonte, a partir do entendimento da história dos estádios da capital (SOUZA NETO, 2017). As relações do futebol com a modernidade, em Montes Claros, assim como em outras localidades, nos levaram a concordar com Mascarenhas, quando argumenta que:

[...] a história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente. Sua espacialidade mutante se insere e participa da lógica mais geral que anima e organiza o lugar. Por trás de todo este imenso movimento anônimo de atores que se associam com finalidade de praticar ou assistir o futebol, esta poderosa e extensa teia de significados, há certamente uma geografia a ser desvelada. E paisagens sendo elaboradas, re-elaboradas e re-significadas. (MASCARENHAS, 2005, p.68).

O processo de modernização, em Montes Claros, estabeleceu relações com os moldes nacionais, oriundos da chamada “Era Vargas” (período de 1930-1945), o qual se inicia como um processo de transição de um modelo agrário-escravista para o urbano-industrial no país. Vale ressaltar que esse processo de urbanização ocorreu em velocidade e amplitude diferentes nas regiões mais distantes das capitais. Este processo de transição exigiu modificações em toda a estrutura social, ao envolver o setor econômico, sanitário, educacional e trabalhista, e ao evidenciar mudanças, principalmente nas áreas de trabalho e saúde (SILVA, 2018). Aliada à expectativa do crescimento econômico, a educação do corpo é reconhecida como essencial ao desenvolvimento e fortalecimento da nação, ao desenhar outro estilo de vida: pública, coletiva, na qual a oferta de diversão abraça homens e mulheres, redimensionando hábitos e práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades (FREITAS, 2022).

O Estado Novo instituído, desdobra-se em estabelecer metas e ações no campo específico das práticas corporais e esportivas, ao identificar a Educação Física e o Esporte como mecanismos para uma educação do cidadão, voltada à construção de um corpo saudável, apto e dotado de capacidades físicas que permitissem suportar as exigências da sociedade moderna (GOELLNER, 2003). Nesta perspectiva, os esportes, entre eles o futebol de campo, tem seu espaço garantido na divulgação e disseminação do ideal de corpo do “homem novo”, moderno, cujas características são: um corpo saudável, higiênico, forte e capaz.

Em Montes Claros, a investigação nos permitiu aproximar uma história do futebol à lógica da modernização com as peculiaridades da cultura norte-mineira, onde o futebol estabeleceu-se como diversão espetacularizada, associado à elite local; todavia, com contornos populares, além de trazer, supostamente, no seu bojo, o progresso. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983; 1990) define o esporte como um espaço estrutural de práticas sociais, chamado de campo, onde as posições dos agentes sociais são estabelecidas a partir da concorrência e da disputa por objetos e elementos de distinção.

No caso desta pesquisa, o futebol de campo passou por uma mercantilização e espetacularização, ao interferir na definição dos capitais atribuídos a determinadas práticas. Assim, definem-se as relações entre a oferta e a demanda do futebol e a participação efetiva da *Gazeta do Norte*, com ações para divulgar e efetivar um processo de desenvolvimento da prática do futebol, bem como da construção do primeiro estádio de Montes Claros. O esporte moderno seria uma maneira da sociedade revelar meios compensatórios de alívio às tensões provenientes do autocontrole das emoções do cotidiano (ELIAS, 1992). O futebol, em Montes Claros, consolidou-se como uma prática que movimentava a cidade, significativamente, nos fins de semana, estabelecendo-se como um novo hábito da população local.

Considerações Finais

A principal cidade da mesorregião Norte de Minas, Montes Claros, tem a presença dos jornais impressos desde o final do século XIX. Foram inúmeros periódicos nesses mais de 100 anos. Apesar de apresentarem, no cerne de suas publicações, influências de uma origem coronelista e, às vezes, arreadia, seus jornais refletiram sua urbe e promoveram, como puderam, o incremento dos aspectos da modernidade, distintivos da tão almejada civilidade.

A *Gazeta do Norte* foi um exemplo de um periódico que se esmerou em ascender Montes Claros a outro patamar de cidade. Fundado em 1918, e extinto nos anos de 1960, esforçou-se em promovê-la em diversas frentes. Entretanto, nosso interesse, nesta pesquisa foi, a partir das publicações do referido jornal, entender a sua participação na construção e no uso do primeiro estádio de futebol da cidade, bem como as relações, estabelecidas pelo futebol, com a dinâmica da cidade, a partir da sua evidente popularização.

Notou-se que o futebol passou dos campos improvisados, do início do século XX, para locais mais apropriados, na década de 1940, sendo, o primeiro, o Estádio Francisco José Guimarães (Campo do União), inaugurado em 1941, que remodelou a estrutura do jogar e do torcer na cidade. Nesse novo cenário, o estádio em questão tornou-se um *locus* privilegiado para uma nova experiência cultural, moderna e civilizada aos moldes das cidades grandes, como a capital Belo Horizonte. Também foi possível inferir, pelas notícias publicadas na *Gazeta do Norte*, que houve um estímulo e, porque não dizer, uma pressão para a construção de um segundo estádio na cidade de Montes Claros. O Estádio João Rebelo, inaugurado em 1954, foi palco da origem de uma rivalidade futebolística na cidade. Nele, os clubes Ateneu e Cassimiro disputariam a primazia no campo e nas arquibancadas, estabelecendo o primeiro clássico e configurando o universo moderno do futebol no interior de Minas Gerais.

A *Gazeta do Norte*, assim, influenciou a escrita de uma história da construção dos dois estádios, e ofereceu subsídios para o incremento de um novo equipamento na paisagem urbana, um espaço de valores simbólicos significativos para a construção da identidade do povo que o utilizou, e que também propiciou tensões entre a cultura tradicional e os novos hábitos modernos. Precisamos salientar que o objetivo principal e oficial da

construção dos dois estádios era proporcionar edificações modernas que atendessem à prática e ao desenvolvimento do futebol, como o campo adequado, arquibancadas, muros, cercas, etc. Apesar disto, os estádios interferiram e também ajudaram a forjar “o homem moderno” no sertão norte-mineiro e, mais especificamente, na cidade de Montes Claros, a partir da promoção de um novo hábito de consumo do futebol.

Referências

ALVES, Rogério Othon Teixeira. **A Lucta dos titans**: a invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália: 1921 – 1942. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudo do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ALVES, Rogério Othon Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Luciano Pereira. O enraizamento do futebol no sertão mineiro: “um São Enthusiasmo”. **Anais** do 25º Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Ouro Preto, 13 a 16 de novembro de 2013.

ALVES, Rogério Othon Teixeira; SILVA, Luciano Pereira. Nem *complexo de vira-latas*, nem *herói genial*: o caso da imprensa de Montes Claros frente às máximas de Nelson Rodrigues nas Copas de 1958 e 1962. **FuLiA / UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 157-177, mai.-ago. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

----- **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol**: integração social e identidades coletivas (1897 – 1927). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

ELIAS, Norbert. **A busca de excitação**. Lisboa: Diel, 1992.

FREITAS, Andréia Luciana Ribeiro de. **Mulheres, “sexo fraco ... Pois sim!” : práticas esportivas em Montes Claros/MG (1979 a 1986)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes, Programa de Pós-Graduação em História/PPGH, 2022. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/mulheres-sexo-fraco-pois-sim-praticas-esportivas-em-montes-claros-mg-1979-a-1986/>. Acesso em: 08 de setembro de 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na **Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital**:1848-1875.Rio de Janeiro: Paz e terra,1982.

----- **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra,1984.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSK, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**.2 ed 1 impressão, São Paulo: Contexto ,2008.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan./dez. 2005.

----- Do campinho ao grande estádio: lugares e expressões na cultura do futebol. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 57-68, 2007.

----- O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, Francine.; SERPA, Angelo. (org). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p.67-86.

----- Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, v.10, n.17, p.142-170, 2013. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

MASCARENHAS, Gilmar; OLIVEIRA, Leandro Dias de. "Adeus ao proletariado?": A dimensão simbólica do estádio da cidadania (Volta Redonda ? RJ / Brasil). **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.101, p.1, 2006. Disponível em: <<https://efdeportes.com/efd101/estadio.htm>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

MELO, Victor Andrade. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados, 2007.

MENDES, Ane. Karen. **A história da Associação Atlética Cassimiro de Abreu**: nascimento e ascensão de uma paixão. 2010. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2010.

RIBEIRO, Rafael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

SILVA, Daniela Teles da. Eugenia, Saúde e Trabalho durante a Era Vargas. **Em tempos de História**. (PPGHIS/UnB) Nº. 33, Brasília, Agosto/Dezembro, p.190-213, 2018.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Isabella Guimarães Lima e. O mercado futebolístico em Belo Horizonte: do profissionalismo "periférico" ao "gigante da Pampulha". *In*: SILVA, Silvio Ricardo; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de (org). **Estudos de futebol em perspectiva**: interdisciplinaridade e produção do conhecimento. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2018, p.146-165.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

_____. **Do Prado ao Mineirão**: a história dos estádios na capital inventada. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

VALÉRIO, Danilo Lutiano; ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de. O estádio de futebol: perspectivas históricas, políticas e econômicas sobre este espaço de prática futebolística. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 100-117, set./dez. 2016.

Recebido em: 20/06/2023

Aprovado em: 31/10/2023